

SERES HUMANOS E NATUREZA: O LAZER COMO MEDIÇÃO

Recebido em: 13/07/2009

Aceito em: 25/01/2010

Camila Santos de Armas
Prefeitura Municipal de Curitiba
Curitiba – PR – Brasil

Humberto Luís de Deus Inácio
Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás
Goiânia – GO – Brasil

RESUMO: Este estudo objetivou responder a seguinte questão: os aspectos do mundo do trabalho se transferem para o mundo do lazer? Para tanto, analisamos a relação entre seres humanos e natureza, especialmente por meio de uma prática corporal de aventura na natureza específica – o montanhismo. O estudo constituiu-se de caráter qualitativo: buscou compreender e descrever uma realidade social concreta. Para coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada. Observamos que relações estabelecidas no mundo do trabalho se disseminam para o mundo do lazer no grupo estudado, ampliando a alienação típica do trabalho nas sociedades de ordem capitalista para outras dimensões da vida humana; mas também observamos que, dialeticamente, as experiências realizadas no montanhismo, geram novos significados e valores para a vida, os quais se disseminam e “contaminam” positivamente o mundo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer. Natureza. Trabalho. Montanhismo.

HUMAN BEINGS AND THE NATURE: LEISURE AS MEDIATION

ABSTRACT: This study aimed at answering the following question: do aspects from the world of work transfer to the world of leisure? In order to do so, the relation between nature and human beings was analyzed, especially through a specific adventurous body practice in nature – the mountaineering. This study has a qualitative character: its main purpose was to comprehend and describe a concrete social reality. The data collection

1 Líder do GEPELC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação/FEF/UFMG.

was based on semi-structured interview. We could realize that the relations established in the work world disseminate to the leisure world in the group studied, which amplifies the typical work alienation in capitalist societies to other dimensions of human life; on the other hand, we also observed that, dialectically, the experiences performed in mountaineering generate new meanings and values to life, which disseminate themselves and positively “contaminate” the world of work.

KEYWORDS: Leisure activities. Nature. Work. Mountaineering.

Apresentando a caminhada

Este artigo busca contribuir com a reflexão sobre a relação entre seres humanos e Natureza² quando essa se estabelece no tempo e espaço de lazer, e sobre suas conexões com o mundo do trabalho na sociedade capitalista contemporânea.

Entende-se que profundas desigualdades e contradições se apresentam entre as populações da sociedade do capital, através da divisão entre as classes, não só diferentes como antagônicas, resultante de um processo ao longo dos séculos constituído. De um lado temos a classe capitalista, detentora dos meios de produção e que acumula grande parte das riquezas produzidas pela outra classe – a trabalhadora – fundamental não só por ser muito mais numerosa que a primeira, como também pela função que exerce neste modelo societal. Essa cisão no processo de produção das condições da existência humana provoca um quadro histórico e crescente de muitas e profundas transformações, como a atual configuração das relações de trabalho, das formas de vivenciar o lazer, bem como o aumento da miséria – aprofundado pela diminuição dos salários e aumento do desemprego – e a degradação do meio ambiente.

² Trabalho aqui com o termo Natureza em maiúsculo, pois me refiro à manifestação física do meio natural, à natureza “inorgânica” do ser humano (MARX, 2006b, p. 115) que se diferencia do entendimento de natureza “orgânica” ou da perspectiva que se refere à natureza como sendo a essência das coisas.

Entende-se ainda que já esteja suficientemente posta a necessidade de esforços em estudar/indicar as bases e os valores sob os quais essa relação vem se concretizando, a qual nos possibilita, até mesmo, questionar a permanência da vida humana desta forma organizada, sobre a Terra. (VIEIRA & WEBER, 1997. SACHS, 1995. LEFF, 2001. HANNIGAM, 1995).

Segundo Coggiola (2005, p.1), já é consenso na comunidade científica, bem como entre as populações em geral e os chamados formadores de opinião – os meios de comunicação – que a ação humana sobre o meio na qual vive está provocando efeitos destrutivos de longo prazo que colocam em risco as várias formas de vida. Desastres provocados pelo furacão Katrina no sul dos EUA em 2005 e pelo furacão Catarina no sul do Brasil em 2004, o gradativo aumento da temperatura média do planeta e do buraco na camada de ozônio devido ao aquecimento global, são indicativos destes efeitos.

A nova configuração das grandes indústrias, que vêm sendo deslocadas de seus países de origem para a Ásia e a América Latina estimula um estilo de vida entre essas populações que fomenta a produção de mercadorias muitas vezes supérfluas, cujo consumo em larga escala, além do próprio processo de produção, contribuem para a geração e lançamento de gases poluentes, acúmulo de lixo e de detritos diversos derivados de inúmeros setores – industriais ou não.

Ao analisar a atual organização humana na Terra, é possível verificar que a lógica do sistema capitalista atinge os diversos âmbitos da vida dos seres humanos. Esse modelo de organização promove relações cada vez mais competitivas, degradantes e desumanas, desde aquelas relacionadas ao seu trabalho até as suas formas de aproveitar

o tempo do não-trabalho – o chamado tempo livre, mais especificamente as práticas de lazer, pois:

O modo de produção da vida material condiciona, em geral, o processo da vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o respectivo ser, mas ao contrário, o ser social que determina a sua consciência. Marx 3 (1996, *apud* COGGIOLA, 2005, p. 1).

A partir destas premissas, este estudo analisou a relação entre seres humanos e Natureza, estabelecida por meio das práticas corporais de aventura, realizadas em meio a Natureza, mais especificamente, o montanhismo. Investigou-se e discutiu-se a interferência do trabalho – cotidianamente desempenhado, portanto, inserido e determinado pela lógica do sistema de produção capitalista – na maneira como os montanhistas e as montanhistas⁴ relacionam-se com a Natureza, quando estes estão em seu tempo/espço de lazer, em ambiente de montanha.

A relação Ser humano - Natureza: o trabalho como mediação

Desde o princípio de sua existência e dos sistemas de organização, produção e reprodução da vida pelos quais já passou, o ser humano encontrou um ambiente no qual devia trabalhar por sua sobrevivência. Na Natureza encontrava objetos de trabalho⁵ e,

3 MARX, K. **O Capital**. Crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

4 A relação que as montanhistas estabelecem com a Natureza também será foco deste estudo. Entretanto, em alguns momentos, utilizaremos somente a designação de seres humanos ou trabalhadores para falar das mulheres e dos homens (heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, pansexuais e demais gêneros que possam existir), tendo claro o entendimento de que, para concretizarmos a igualdade de direitos e o respeito às diferenças e às escolhas de gênero de cada ser humano, não será possível somente apresentando as palavras nos artigos feminino e masculino, “a/o” e “as/os”. Igualdade e respeito serão concretizados por cada um de nós, em conjunto, nos âmbitos particulares do nosso cotidiano, através da desconstrução de valores e princípios homofóbicos, estabelecidos ao longo da história humana.

5 “Todas as coisas que o trabalho apenas separa de sua conexão imediata com seu meio natural constituem objetos de trabalho, fornecidos pela natureza. [...] Se o objeto de trabalho é, por assim dizer, filtrado através de trabalho anterior, chamamo-lo de matéria-prima. Por exemplo, o minério extraído depois de ser levado. Toda matéria-prima é um objeto de trabalho, mas nem todo objeto de trabalho é matéria-prima”. (MARX, 2006a, p. 212).

por meio destes, elaborava ferramentas, utensílios e produtos para seu uso. Por trabalho se entende quando o ser humano “põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes à vida humana”. (MARX, 2006a, p.211).

O trabalho criava valores de uso de acordo com sua utilidade e necessidade, como a confecção de roupas, habitações e outros elementos que serviriam de meios para produção de bens; concordamos com Marx, quando afirma que:

O trabalho, como criador de valores-de-uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem – quaisquer que sejam as formas de sociedade –, é necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana. (2006a, p.64).

Apesar das situações adversas, havia uma harmonia entre os seres humanos, os demais seres vivos e o meio ambiente nas relações de produção da vida, pelas quais transformavam a Natureza através do trabalho e nessa relação eram transformados:

[...] ao mesmo tempo em que os indivíduos transformam a natureza externa, têm também alterada a sua própria natureza humana, num processo de transformação recíproca que converte o trabalho social num elemento central do desenvolvimento da sociabilidade humana. (ANTUNES, 2004, p.8).

De certa forma, o conceito de natureza elaborado por Marx (2006b, p. 115) explicita como se dá essa harmonia:

A natureza é o corpo inorgânico do homem, [...] na medida em que não é o próprio corpo humano. O homem vive da natureza, ou também, a natureza é o seu corpo, com o qual tem de manter-se em permanente intercâmbio para não morrer. Afirmar que a vida física e espiritual do homem e a natureza são interdependentes significa apenas que a natureza se inter-relaciona consigo mesma, já que o homem é uma parte da natureza.

Tal conceito ajuda a visualizar de que forma seres humanos – trabalhadores e trabalhadoras – e Natureza estão interligados, ou seja, “O trabalhador nada pode criar sem a natureza, sem o mundo externo sensível. Este é o material onde se realiza o

trabalho, onde ele é ativo, a partir do qual e por meio do qual se produz coisas”. (MARX, 2006b, p. 112).

No modo de produção capitalista, entretanto, o trabalhador, desprovido da posse dos meios de produção necessários para satisfazer suas necessidades, passa a vender sua força de trabalho, a qual – neste sistema, será a única mercadoria sobre a qual o “ser que vive do trabalho” (ANTUNES, 1995) tem posse. Este recebe por aplicar sua força de trabalho na produção de mercadorias que não serão suas, mas sim trocadas por outras. O trabalhador aliena sua força de trabalho de si e nesta relação, exterioriza-se do seu trabalho e torna-se estranho ao que produz, sendo isso expressão da,

[...] relação do trabalhador com sua própria atividade como uma atividade alheia que não lhe oferece satisfação em si e por si mesma, mas apenas pelo ato de vendê-la em certas condições. (MÉSZÁROS, 2006, p. 20).

O sistema capitalista, portanto, cinde o trabalho entre o trabalho concreto, aquele que constitui o ser social e “que cria coisas socialmente úteis, que transforma criador e criatura” (INÁCIO, 1997a, p. 18) e o trabalho abstrato, desprovido de sentido, produtor de mercadorias – ou valores-de-troca, objetivamente e que é permeado pela alienação do trabalhador. Assim, anteriormente, o ser humano produzia valores de uso para suprir suas necessidades básicas e as da comunidade a qual pertencia, realizava-se através do seu trabalho e, o produto deste reconhecia como sua criação. Contudo, no sistema capitalista, passa a produzir valores de troca, produtos externos e que a ele não pertencem, através do trabalho estranhado e alienado.

Esta configuração do trabalho abstrato vem sendo a forma predominante de o ser humano subsistir, pautada na lógica do capital, distanciando-o daquilo que Marx chama de “seu corpo”. Plantas, animais, minerais, ecossistemas em geral são elementos com os quais o ser humano, na atualidade, acredita não possuir vínculo, em constante

contradição com aquilo que o faz *ser* humano, o trabalho, passando a ver na Natureza, algo a ser dominado, explorado. A interdependência entre seres humanos e Natureza vem, historicamente, sendo substituída por uma relação de oposição.

Não obstante, importa ampliar a noção sobre esses trabalhadores, principalmente devido ao grau de complexidade que a divisão do trabalho atingiu neste modelo mais recente do sistema capitalista – e para que possamos compreender as discussões que serão feitas posteriormente. Quanto a isto, Antunes (2005, p. 60) afirma que a classe trabalhadora, hoje:

[...] tem como núcleo central os trabalhadores produtivos [...], e não se restringe ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social e do trabalho coletivo assalariado. Como trabalhador produtivo é aquele que produz diretamente mais-valia e que participa do processo de valorização do capital, ele detém, por isso, um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora. É preciso acrescentar que a moderna classe trabalhadora também inclui os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem como elemento diretamente produtivo no processo de valorização do capital.

Há, portanto, que se considerar nessa noção moderna de classe trabalhadora, tanto os trabalhadores produtivos (o proletariado industrial e rural que produzem diretamente as riquezas dentro das fábricas, indústrias e no campo), quanto os que não produzem diretamente as riquezas, isto é, os prestadores de serviço, que também vendem sua força de trabalho para um capitalista, o comprador da sua força de trabalho.

A essa noção de classe trabalhadora, Antunes (2005, p. 60) acrescenta o “novo proletariado dos McDonald’s, os trabalhadores terceirizados e precarizados, os trabalhadores assalariados da chamada ‘economia informal’” que aumentam os números do contingente do chamado “terceiro setor”. São os trabalhadores desempregados, precarizados, subcontratados, parciais, temporários, terceirizados, informalizados, domésticos, domiciliares, entre outras denominações. À classe detentora dos meios de

produção incluem-se os gestores do capital e seus altos funcionários, que detêm papel de controle do processo de trabalho, de valorização e reprodução do capital no interior das empresas. (ANTUNES, 2005, p.61).

Em contraposição ao trabalho alienado promovido pelo atual sistema econômico, consideramos que o trabalho emancipado terá como base primordial o atendimento às necessidades humanas, desprovido, portanto, de relações estranhadas entre trabalhador e trabalho, não sendo possível sua concretização neste modelo de sociedade.

A relação ser humano e natureza: capital e lazer como mediação

Mais especificamente com o advento da substituição das manufaturas pelas máquinas, durante o processo da Revolução Industrial, iniciou-se o período em que o ser humano passou a extrair da Natureza recursos e matérias-primas, sem projetar as consequências que a desenfreada produção de mercadorias acarretaria para o meio ambiente. Bem como, sem pensar também nas graves consequências sociais e econômicas deste período para as populações da época – e posteriores –, que davam concretude à produção de bens de consumo através de uma relação alienada entre trabalhador e o trabalho que nas fábricas, indústrias e demais setores era realizado.

Posteriormente, para sua contínua reprodução, o capitalismo passa a atuar no imaginário das populações quando, os meios de comunicação em massa, a serviço do sistema econômico hegemônico, atuam estimulando o consumo de diversos produtos que o indivíduo nunca antes necessitou e que, ao comprá-lo pensa que adquiriu a sensação prometida, nunca antes sentida. Estas e outras são estratégias das quais o

sistema se utiliza para fomentar o consumo exacerbado, ou seja, a mola propulsora do capitalismo.

Estes mesmos meios de comunicação, em sua totalidade são também responsáveis por propagar as imagens e informações a respeito das principais catástrofes pelas quais a humanidade vem passando. Mesmo que superficialmente, as pessoas podem tomar ciência das mudanças ambientais e os perigos que elas representam para a humanidade, de acordo com o que lhes é repassado via televisão, jornais, internet, etc. Contudo, tais meios de comunicação raramente referem-se a tais catástrofes como resultado do sistema econômico capitalista. Indicam o ser humano, enquanto indivíduo, como único responsável pela atual situação e não a coletividade humana desta forma organizada.

A população questiona-se sobre as causas de tão graves transformações? É possível discordar de que a razão pela qual a humanidade, os demais seres vivos e o próprio globo terrestre venham a ser extintos seja pelo modo como está organizada a vida em sociedade, isto é, pelo modo de produção e reprodução capitalista? Segundo Goldblatt (1998), o capitalismo, associado a uma série de outros elementos, tem sido fator determinante na degradação ambiental e, ainda segundo este autor, algumas análises mais apuradas acabam por ignorar – ou minimizar, isto.

A lógica do sistema capitalista de produção dos países centrais estabeleceu a ordem para o desenvolvimento dos países em desenvolvimento, gerando graves consequências para as diversas populações neles existentes, desde as que vivem no e do campo até as pertencentes aos setores da cidade. Devido à introdução de padrões tecnológicos inapropriados, pela indução de ritmos de extração e difusão de modelos

sociais de consumo, estabelece-se um processo de degradação dos ecossistemas destes países, de erosão de seus solos e esgotamento de seus recursos. (LEEF, 2000).

A apropriação das melhores terras e de grandes áreas rurais para a agricultura extensiva e criação comercial de gado foi expulsando a agricultura de subsistência e familiar. Com a ausência de técnicas apropriadas de cultivo, isto acelerou os processos de desmatamento e erosão dos solos. Com isso, começa a haver a diminuição das áreas cultiváveis, levando às pressões cada vez maiores sobre a capacidade de produção da terra, ao se encurtar os períodos de descanso e de recuperação dos solos. “Tudo isto causou uma crescente incapacidade das áreas rurais para criar empregos produtivos para seus habitantes, gerando grandes correntes migratórias para cidades, com altos índices de insalubridade e miséria”. (LEEF, 2000, p.28).

Por outra via, o desenvolvimento da ciência e tecnologia, que não se desvincula da lógica da razão instrumental, possibilitou a informatização do maquinário nas indústrias e a diminuição do número de postos de trabalho, contribuindo para o crescente desemprego estrutural que hoje atinge a população mundial dos países centrais e periféricos. “o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível [...] têm acarretado [...] um monumental desemprego, uma enorme precarização do trabalho e uma degradação crescente na relação metabólica entre homem e natureza, conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias que destrói o meio ambiente em escala globalizada”. (ANTUNES, 2002, p. 165).

Por sua vez, o lazer, conceito multidimensional e polissêmico, também media a relação ser humano e natureza de acordo com suas especificidades. À margem de

algumas discordâncias, explicitamos que o lazer do qual falamos é um fenômeno moderno, com origem e construção histórica marcadas na sociedade capitalista.

Antes do estabelecimento da lógica capitalista, as diversas tarefas que os seres humanos realizavam, de maneira geral, “faziam parte de um cotidiano de vida, de um ciclo único, sem parcializações, sem temporizações pré-estabelecidas”. (INÁCIO, 1997a, p. 13). Não havia uma separação entre as várias esferas da vida do ser humano e o controle do tempo quase sempre tinha os elementos da natureza como referência, como a trajetória do Sol, as fases da Lua, as estações do ano, entre outras.

Posteriormente, com o avanço e inovação dos modos de produção e reprodução da vida humana e dos instrumentos de medição do tempo, os novos referenciais para controle desse passam a ser os ponteiros dos relógios. Padilha⁶ (1995 *apud* INÁCIO, 1997a, p. 19). A partir daí, o tempo de trabalho é administrado pelo capitalista visando controlar o seu lucro através da absorção de trabalho excedente – a mais-valia.

Ao longo da história, o lazer vai se constituir como uma das esferas da vida cotidiana em que os seres humanos vão buscar a alegria, o prazer, a satisfação, pois o sistema capitalista fez do trabalho algo aterrador, em que o trabalhador não mais se reconhece naquilo que realiza e produz; ele não se afirma no trabalho, mas nega a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho de sacrifício de si mesmo, de martírio. (MARX, 2006b, p. 114).

⁶ PADILHA, V. **Tempo livre e racionalidade econômica**: um par perfeito. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas. 1995.

Nesse sentido, o tempo livre de trabalho, além de ser uma conquista dos trabalhadores na luta pela redução da jornada de trabalho, tornou-se condição para a efetivação do lazer, apropriado e subsumido pela lógica do mercado (MASCARENHAS, 2000), e foi disponibilizado aos trabalhadores, constituindo um círculo vicioso que se retroalimenta.

O lazer, na atualidade, passa a ser o tempo e espaço em que seres humanos buscam amenizar os efeitos do período de trabalho abstrato. Porém, Antunes (2002, p. 175) afirma que “Não é possível compatibilizar trabalho assalariado, fetichizado e estranhado com tempo (verdadeiramente) livre. Uma vida desprovida de sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora do trabalho”, ou seja, “enquanto o trabalho estiver subordinado à satisfação de necessidades imediatas e o produto do trabalho permanecer estranho ao seu produtor, o lazer não passará de uma possibilidade de compensação ou até de reprodução dessa mesma relação”. (MARCASSA & MASCARENHAS, 2005, p. 257). Destarte, compreendemos que uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social,

[...] somente poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, de modo que, a partir de uma atividade vital cheia de sentido, autodeterminada, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) social e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano [...]. (ANTUNES, 2002, p. 177).

O estranhamento provocado pelas determinações do capital vão também atingir atividades específicas pertencentes ao tempo e espaço de lazer, não sendo possível

desvincular a discussão sobre as práticas corporais de aventura vivenciadas em meio à Natureza [no caso deste texto, o montanhismo], do todo acima apresentado.

Práticas Corporais de aventura na Natureza

Como práticas corporais de aventura experienciadas na natureza, consideramos todas as atividades permeadas pela aventura e que possuem como local para sua realização, os ambientes naturais pouco ou ainda intocados pelo ser humano, compreendendo mais uma alternativa de lazer da atualidade. Corredeiras, cachoeiras, cânions, trilhas em florestas, em morros ou montanhas, falésias, entre outros ambientes e formações geológicas que são apropriadas de diversas maneiras. As características destes espaços vão diferenciar as práticas quanto ao grau de técnica requisitada, de risco e perigo que apresentam, ou ainda, por fatores econômicos de acessibilidade e realização.

Quanto às características mais particulares destas práticas corporais, podemos dizer que o elemento central que a caracteriza é a aventura; esta trás consigo diversos elementos que tornam difícil a sua conceituação, pois o que é aventura para umas pessoas, nem sempre será para outras.

Em geral, podemos dizer que aqueles que se dedicam às práticas de aventura na natureza buscam “literalmente um ‘mergulho na natureza’, o que pode causar uma ‘emoção à flor da pele’, experimentando a aventura imaginada ou captando-a através de todos os poros, absorvendo o impacto visual com o corpo inteiro”. (BRUHNS, 2003, p.45) Através destas práticas de aventura, tocamos a natureza e por ela somos tocados, “ver, ouvir, tocar, cheirar ou degustar sons, cores, superfícies, cheiros ou sabores, faz

parte de um conjunto intenso em que a tatilidade agora é representada pelo corpo como um todo”. (BRUHNS, 2003).

Esta autora contribui ainda, dizendo que é comum a procura por essas práticas por parecerem-se como tentativas de aproximação com rituais de purificação, assemelhando essa aventura a um acontecimento distante da vida cotidiana. Além disso, afirma que as emoções proporcionadas pelas aventuras na natureza, podem ser tentativas de reencontro com subjetividades desvalorizadas no processo histórico de construção científica.

É importante dizer que, tal quais as diversas atividades de lazer existentes, as práticas de aventura na natureza inserem-se em uma ordem socioeconômica capitalista e, portanto, são submetidas às lógicas de mercado, do utilitarismo e afastam-se dos interesses atrelados à emancipação humana. (INÁCIO e MARINHO, 2007a; INÁCIO et al, 2005).

Os princípios e valores vinculados à preservação da natureza, fortemente difundidos pela mídia, vêm sendo utilizados como mote publicitário para empresas de diversos setores, como as do ecoturismo, oferecendo pacotes nos quais se incluem práticas de aventura na natureza, aproveitando-se do momento de grande fragilidade por que passam os ecossistemas do nosso planeta, o que sensibiliza a população para o contato com o meio ambiente. Nesta lógica, as experiências em meio à natureza estão se tornando mercadorias, que poucos podem acessar e praticamente desvinculadas com a real preservação dos espaços em que ocorrem. (INÁCIO, 2007b).

O montanhismo em foco

O montanhismo caracteriza-se, de maneira geral, por ser uma prática realizada junto ao meio natural em que o praticante procura ascender montanhas caminhando ou escalando com auxílio de equipamentos (escalada técnica). Quanto aos objetivos dos seres humanos que praticam montanhismo pode haver controvérsias, pois para uns atingir o cume de uma montanha é o único objetivo, enquanto que para outros, a subida é o maior desafio numa caminhada em montanhas, sendo a chegada ao cume uma consequência, mas não menos importante.

Esta prática corporal de aventura na natureza possui características e objetivos variados, onde nem sempre o principal são os desafios apresentados pela natureza e a meta seja alcançar o cume. Com o crescimento das práticas experienciadas na natureza, é também cada vez maior o número de praticantes de montanhismo que as procuram com as mais variadas perspectivas e intenções, como contato com a natureza, prática esportiva, socialização, dentre outras. (BETIOLLO, 2006, p. 6).

As técnicas utilizadas e o terreno em que é praticado vão dar a característica mais aparente do montanhismo, por isso essa prática é classificada em diferentes modalidades. Aparentemente são modalidades bastante distintas, mas originalmente, as caminhadas e escaladas em montanhas aconteciam juntas e se diferenciavam pelo tipo de movimento que a trilha exigia. Com o passar dos tempos, os praticantes preferiram aderir a uma ou a outra forma de praticar o montanhismo em espaços diferentes como caminhar em trilhas sobre montanhas ou especializar-se em escalar vias em paredes rochosas.

Ao contrário de esportes tradicionais e institucionalizados que possuem regras previamente definidas para sua prática, o montanhismo não possui normas oficiais que o regulem. Talvez, por suas características, o montanhismo não necessite de regras

oficias, uma vez que abarca diversas modalidades e é realizada em um ambiente sobre o qual o ser humano não tem controle. Apesar disto, existem alguns princípios e considerações éticas quanto a sua prática que, mesmo não sendo essenciais para sua realização, são aderidas pelos praticantes, como o Código de Ética do estado do Paraná, conhecido e aceito por muitos montanhistas de outros estados. Percebe-se, neste código, uma preocupação com a preservação do ambiente natural e com a segurança dos praticantes, além do respeito às suas individualidades e ao bem-estar de todos.

Nosso diálogo

Buscando entender a relação estabelecida entre seres humanos e Natureza, a partir do montanhismo, uma prática corporal de aventura na Natureza, as entrevistas ganharam centralidade na coleta de dados, sendo a análise de conteúdos (BARDIN, 1977), a metodologia utilizada para 'compreender' as falas dos sujeitos da pesquisa.

As entrevistas ocorreram com pessoas⁷ que possuem diferentes tempos de experiência no montanhismo, variando entre um e catorze anos entre elas, aproximadamente. Os sujeitos foram eleitos pela facilidade de acesso aos mesmos, em função de serem companheiras (os) de caminhadas em montanha.

Consideramos que os locais e horários das entrevistas podem ter influenciado as falas dos participantes, tendo sido todas elas em ambiente urbano; inferimos que se houvessem sido realizadas em ambiente de montanha, outras interferências e contribuições poderiam ter alterado as respostas dos sujeitos.

⁷ Essas cinco pessoas são praticantes do montanhismo, pertencentes à cidade de Curitiba e associadas ao Clube Paranaense de Montanhismo (com sede em Curitiba). A entrevista foi realizada no período de agosto a outubro de 2007 e seus nomes foram preservados, sendo substituídos pela expressão "entrevistada/o".

Sobre os montanhistas, há várias ocupações: assalariados, microempresário e trabalhadores autônomos, com renda advinda de comissão. É possível considerar que esses trabalhadores compõem a moderna noção de classe trabalhadora apresentada por Antunes (2005). Cada um deles pertence à parcela de trabalhadores que não produzem diretamente riquezas – os valores-de-uso – como os trabalhadores das fábricas e do campo. Porém, sua força de trabalho é utilizada para gerar mais-valia como um serviço adquirido pelo capitalista.

Questionados sobre sua satisfação com o trabalho que desempenham, 75% responderam que sim, estão satisfeitos, como se vê expresso nesta frase: *“não é a coisa que mais amo fazer na vida, mas é a coisa que me sustenta e me proporciona fazer as coisas que eu gosto”*. Apesar de manifestar sua satisfação sobre seu trabalho, este entrevistado diz que *“tem dias que é totalmente estressante, que é uma loucura, dá vontade de tacar fogo nisso aqui [o escritório] e pronto”* (entrevistado A).

A entrevistada C também afirma estar satisfeita com o seu trabalho; acumula duas funções e comenta que a tendência do corretor de imóveis é *“trabalhar todos os dias. Ele [o corretor] não vai deixar de mostrar um apartamento ou mesmo de angariar no fim de semana [...] Se não trabalhar, eu não tenho salário no final do mês [...] minha profissão é 100% comissionada”*. Devido a isso, considera que *“é sempre um desafio [...], eu tenho que lutar. Meu trabalho não pode ter marasmo, pois o marasmo para mim é estagnação, então eu tenho que jogar isso para a minha vida inteira”*.

Por sua vez, o entrevistado D, que também trabalha em uma empresa como corretor de imóveis, prefere identificar-se mais como um montanhista que por sua ocupação. E porque seu trabalho encurta o tempo livre que possui para fazer o que mais gosta (o montanhismo), ao contrário dos demais, o entrevistado D manifestou-se

insatisfeito com a sua profissão: *Às vezes, dependendo da quantidade de corretores, nós trabalhamos praticamente sete dias inteiros, sem descanso, sem folga*". Continua dizendo que é *“um profissional autônomo e quanto mais [eu] trabalhar, maior é a possibilidade de eu ganhar. Eu sou o meu patrão”*.

Quando questionado sobre quem estabelece os seus horários, respondeu: *“meus clientes, na verdade. Eu vivo em função deles”*.

Estas falas caracterizam, mesmo que superficialmente, a situação de uma parcela da classe trabalhadora que compõem o setor da “economia informal” e que já se consolidou em nossa sociedade. Os trabalhadores sobrevivem dedicando sua força de trabalho quase que exclusivamente ao emprego, promovendo o seu desgaste, confirmando a assertiva de Marx (2006b), sobre o fato de o sistema capitalista provocar a degradação da força de trabalho humana e impossibilitar os seres humanos de despenderem, com liberdade, suas energias para atividades que lhes proporcionem mais satisfação. A partir destes dados podemos confirmar a relação de oposição entre trabalho e lazer, mas também, numa perspectiva dialética, é possível inferir que, no sistema capitalista, trabalho e lazer, mesmo sendo opostos, reforçam valores e princípios que legitimam o sistema.

Questionados sobre quais as atividades da sua vida os sujeitos consideram como lazer, indicaram diversas práticas corporais, associando-as a sensações como prazer, diversão e satisfação, opostas àquelas vivenciadas durante o trabalho.

Por outra via, ainda que apontado como lugar de satisfação, observamos que tal lazer cumpre uma função compensatória ao desgaste provocado pelo trabalho. Perguntado sobre porque escolheu o montanhismo como atividade de lazer, o entrevistado G respondeu que esta prática corporal de aventura na Natureza serve como

“uma válvula de escape para toda a loucura do trabalho”. De forma semelhante, o entrevistado A comenta que escolheu o montanhismo porque o retira da sua rotina de trabalho *“de pressão, de ter que vender, por que tem que vender, porque se não vender não ganha, desse estresse todo, ele [o montanhismo] me tira disso”*.

Em geral, observa-se que o lazer se constitui "uma compensação do trabalho alienado, simples reparador dos efeitos negativos do trabalho, para mais trabalho", equiparando o ser humano a "uma máquina que necessita, para o seu funcionamento, de períodos de manutenção e reparo". (MARCELLINO, 1995, p. 27).

Quanto ao entendimento desses sujeitos sobre a integração com a Natureza, quando em ambiente de montanha, verificamos que são diferentes entre si. Da entrevistada F é possível dizer que se sente integrada com a Natureza por manifestar-se preocupada com as problemáticas ambientais que se apresentam, quando ela está no ambiente de montanha.

O entrevistado A caminha na mesma direção quando diz *“eu faço parte daquilo tudo [montanhas]. Até pelo cuidado que a gente tem na montanha quanto às questões ambientais, impacto e tudo mais”*. Porém, ele comenta também que a sensação de integração se dá também pelo fato de considerar as montanhas como o seu quintal, onde se sente uma criança. Diz ainda que *“é como se eu tivesse nascido ali, dormir na montanha é uma coisa maravilhosa, o acordar de manhã com o nascer do Sol, à noite chegando com um pôr do Sol [...]. Eu não me sinto um intruso ali, sabe?!”*. É possível que essa sensação de se sentir uma criança, manifeste o seu entendimento de integrar-se com a Natureza. Estar no ambiente de montanha seria como libertar-se de amarras do ser adulto e tornar-se criança.

Assim, surge um novo elemento compondo as sensações e experiências vividas na montanha: a ludicidade⁸. Não obstante, as responsabilidades do trabalho retornam ao pensamento e é restrito o tempo de ser criança, sendo possível questionar que, em verdade, a sensação de integração é falsa e ilusória. O montanhista terá de voltar ao trabalho que é penoso e nada lúdico.

Já a entrevistada C considera que desde o momento em que está preparando a mochila, organizando a comida e o equipamento que vai ser levado, verificando como está o dia, se está frio, se está calor, já está em processo de integração com a natureza. Segundo ela “*o bacana é que tudo o que você precisa está na sua mochila*” e “*geralmente você vai para a montanha com seus amigos, com quem você gosta e se sente bem [...]*”. E ainda, quando diz:

Num ambiente como aquele em que você está se integrando com a natureza, onde você vai parar para ver o dia nascer, para ver o dia se pôr, ver uma lua, sentir um frio, uma chuva, o cheiro da terra [...] falar é fácil, mas as pessoas, para perceber isso, têm que estar lá,
[...].

podemos afirmar que também fazem parte deste processo de integração, a contemplação e o sentir.

Enquanto isso, o entrevistado G trás novos elementos a esse processo de integração, o qual, em sua opinião, não ocorre. Ele afirma que nós não fazemos parte da montanha porque,

[...] a gente não vive lá, a gente não depende daquela região, não vive daquela região. A gente mora na cidade. [...] O que a gente costuma fazer, eu no caso, é tentar fugir do cotidiano, do dia-a-dia da cidade, a selva de pedra. E a gente vai para a selva de vegetações. [...] Em parte, eu me sinto integrado, mas em parte eu estou isolado também, porque, como eu já disse antes, a gente vai para fugir do cotidiano, do dia-a-dia, por que a gente passa a maior parte do tempo trabalhando, vive cercado de regras [...].

8 Apesar deste elemento “ludicidade” ter sido encontrado em algumas falas, acabamos por não aprofundar a análise sobre o mesmo neste momento.

Dadas as atuais condições de vida moderna, podemos dizer que os seres humanos não mais voltarão a integrar-se à natureza, da mesma maneira que em tempos passados a nossa relação de interdependência era grande. Entretanto, verifica-se uma expansão da necessidade de "retorno" aos espaços naturais.

O entrevistado B diz que quando se está na montanha,

[...] a sensação que a gente tem lá é de alívio, de liberdade. O simples fato de você estar em um lugar que não tem nada [...], você se desliga totalmente de todos aqueles problemas que você tem durante a semana. O fato de você ir para um lugar diferente, você se desliga totalmente da cidade e essa é a parte boa de estar lá [na montanha].

Ao tratar sobre a aventura em caminhadas, três entrevistados apontam que essa sensação, em geral, já não é tão intensa como no início do seu envolvimento com o montanhismo. Para um dos sujeitos, porém,

[...] algumas [caminhadas] ainda criam uma expectativa, uma apreensão, dependendo do local que a gente vai, o que vai ser feito, quem vai [...], por mais que seja um lugar que você já foi mil vezes, você sabe que vai ser diferente, as pessoas são outras, o seu momento na vida é outro, o ambiente é outro, o dia está diferente [...] é sempre uma aventura. (entrevistado G).

Para a entrevistada C, durante as caminhadas, a grande aventura para ela é conhecer novas regiões, pois sente necessidade de descobertas, de novos caminhos e lugares diferentes: *“Como têm muitos lugares que eu já fui, já não me interessa tanto em voltar lá, justamente pelo fato de eu já conhecer, às vezes um caminho, as plantas que tem no meio do caminho”*.

A aventura também está presente na escalada e sobre isso, "A" comenta que *“a escalada é uma aventura mesmo, é o arriscar, ainda que um risco calculado, você está com o equipamento”*. Já para "B", *“a aventura na escalada é a sensação de você conquistar algo que você acha impossível no começo [...] A sensação, na verdade, é*

um pouquinho da adrenalina, é aquela sensação de que você pode cair a qualquer instante”.

Este sujeito estabelece um paralelo entre o cotidiano e as sensações durante uma escalada, bastante interessante para pensarmos a relação que o montanhista tece entre trabalho e lazer:

[...] quando você chega ao ponto culminante da escalada e vê que você passou por todos aqueles problemas [...], é quase o mesmo que relacionar com o cotidiano, com o dia-a-dia, com o trabalho inclusive, de você conseguir concluir uma meta, essa é a sensação maior que se tem.

É possível inferir que a sensação de aventura está presente também em seu mundo do trabalho; entretanto apresentam-se sob configurações diferentes. A sensação de cumprir uma tarefa no lazer é bastante diferente da que se cumpre no trabalho. Na primeira, o cumprimento dessa meta se estabelece em um ambiente bastante diverso do que no trabalho e, no entanto, este montanhista estabelece a semelhança. Pode-se dizer que tanto na escalada como no trabalho há risco de vida, porém também se apresenta de maneira diversa nos dois espaços: os riscos em uma escalada estão presentes, pois a utilização dos equipamentos de segurança requer conhecimento, porém esse risco é motivo de prazer entre os escaladores; enquanto no trabalho, se morre todos os dias um pouco de desgosto, de insatisfação e de tédio.

O sujeito A também estabelece um paralelo entre escalada e trabalho:

Às vezes, eu me ponho em situações de estar trabalhando um cliente e eu crio um paralelo com o estar escalando, chegar no “crucs” [momento final da escalada, bastante cansativo] de uma via faço uma relação com um fechamento de um negócio [...] o negócio é [o momento de] eu me pegar naquela agarra, naquele “bi-dedo” [formato de uma agarra na rocha] ali, e tentar me segurar para poder fazer o “lance” final [movimento] para poder sair daquele “crucs”, e aí eu faço esse paralelo com a hora de criar para o cliente e dar um cheque-mate nele, ‘vamos fechar hoje por que amanhã pode estar vendido.

A partir desta fala, podemos dizer que o entrevistado utiliza a sensação de escalar durante o seu trabalho. Neste caso o lazer acaba por se constituir em uma ferramenta para estimular negócios mais bem sucedidos, com o montanhista agregando um valor competitivo, até mesmo mercantilista, à escalada.

Quando questionado sobre relações entre seu trabalho e seu lazer, "A" responde que não há nenhuma relação direta, mas comenta que sentiu a necessidade de estimular no ambiente de trabalho, o companheirismo vivido no montanhismo. Segundo ele, o companheirismo poderia possibilitar maior número e sucesso de vendas de apartamentos e, desta maneira, aumentar o salário.

Nas falas dos sujeitos sobre a sensação de retornar para casa, novos elementos foram apontados e neles pudemos observar algumas contradições. "A" e "G", que compartilham de opinião semelhante, afirmam que os momentos que viveram na montanha, por mais difíceis que tenham sido, foram os mais marcantes em suas vidas. Segundo "A": *“tudo o que você passou ali com os amigos, a janta por mais tosca que seja, o miojo que você come, o frio que você passa às vezes, essas coisas ficam marcadas pra gente, você se sente realizado”*. Ele segue dizendo que:

[...] toda vez que a gente vai escalar uma escalada mais forte, você cansa mais [...] aí eu digo para ele [parceiro de escalada] ‘ó, estou todo detonado, com os braços doloridos, os dedos cortados, cansado mesmo, cabelo duro de poeira, mas não tem sensação melhor, não vai ser um banho, não vai ser uma unha cortada, um creme na mão por causa daquela poeira toda que vá me [fazer] sentir melhor [...]. Eu to morto de cansado, mas to feliz. (Entrevistado A).

O entrevistado "G" também afirma isso: *“quanto mais cansado eu volto, mais feliz eu estou”*. Assim, de um modo contraditório, todas as sensações sentidas no meio hostil de uma montanha, como o forte cansaço dos músculos, baixa resistência aeróbia, escoriações, quedas, promovem um estado de felicidade quando estão retornando para

as suas casas, para a cidade. “G” aponta ainda que “*no dia do retorno é estado de felicidade, no dia seguinte é de desespero, vou ter que encarar de novo a cidade [...], no dia seguinte para mim é o caos, por que você está com aquela coisa na cabeça ainda, entendeu?*”. Trata-se de sensações bastante diferenciadas das vividas no trabalho.

Assim, é possível entender que, quanto mais desgastados cansados e exaustos retornam para casa de um dia de trabalho, eles não têm a mesma sensação de felicidade, pois são relações opostas.

Já para outro sujeito, “*a sensação de retorno é a pior que tem. É uma sensação de desolação, de tristeza, de algo pendente, de alguma coisa que você deixou para trás. É uma coisa não resolvida*”. Afirma ainda que “*é a ligação que você tem [..]) que é a vontade que você tem de ficar no meio do mato*”, mas como ele continua dizendo, já estamos acostumados ao ambiente da sociedade em que “*você se desliga totalmente da natureza*”.

Concordamos com Bruhns (2003), ao destacar que o montanhismo parece ser uma tentativa de aproximação com rituais de purificação, além da sua função compensatória. Também os sujeitos da pesquisa parecem concordar:

O montanhismo é minha religião, na verdade. É sagrado, eu gosto, eu me sinto bem, me muda, eu consigo descansar, tirar a cabeça de toda essa correria, de toda essa confusão e realmente, eu tô [sic] mais perto de Deus, porque eu paro, penso, reflito e eu consigo voltar para essa confusão da cidade bem mais tranquilo.

Surge então outro elemento importante de registro: a relação entre montanhismo e religião. Como visto acima, para o entrevistado G, o montanhismo é a sua religião justamente por ele não verificar nenhum tipo de regra nesta prática corporal de aventura na Natureza e, quando questionado se no montanhismo existem regras ele comenta que “por mais que eu não goste de regras, a gente vive em uma sociedade que é só regras, e

a gente trabalha com regras [...], você tem que seguir um padrão de conduta na sociedade”.

Assim, entender a relação entre seres humanos e Natureza a partir do montanhismo, uma prática corporal de aventura na Natureza vivenciada no tempo e espaço de lazer, aponta diversos fatores, os quais dialogam com o fenômeno lazer e com o mundo do trabalho, inseridos no modo de produção capitalista.

Considerações finais – a caminhada sempre recomeça

Ao estudar a relação entre seres humanos e Natureza, mediada por uma prática corporal de aventura na Natureza, outras reflexões e questionamentos foram surgindo e, ao final desta caminhada, servem para nos fazer repensar tal relação.

Primeiramente, retomamos o conceito de Natureza aqui utilizado: Marx (2006b) diz que o ser humano está incorporado à Natureza, visto que são interdependentes; entretanto, a sociedade do Capital promove a dissociação entre estas partes. Apoiados em Marcuse (1982), podemos estabelecer que a mesma relação capitalista de exploração e dominação dada entre seres humanos ocorre também na Natureza.

É neste contexto que, encontra-se o montanhismo, uma prática corporal de aventura na Natureza, pertencente ao âmbito do lazer e que tem os morros e montanhas como lócus para realizar-se.

Por este estudo, é possível afirmar que o montanhismo vem cumprindo – e bem, a função de compensar o desgaste e os efeitos negativos que o trabalho, no âmbito do sistema capitalista, promove nestes trabalhadores. As sensações prazerosas que esta prática proporciona recuperam as energias dos montanhistas para enfrentar as agruras cotidianas do mundo do trabalho.

O montanhismo, portanto, não é uma opção para a superação (radical) dos problemas ambientais, visto que suas características não apontam essa possibilidade. Entretanto, dialeticamente, mesmo sem mostrar a raiz primordial para as problemáticas ambientais, a prática do montanhismo aguça a sensibilidade daqueles que o praticam para tais conflitos. E, entendendo o sistema capitalista como elemento determinante na raiz destes problemas, podemos afirmar que, enquanto este modo de produção e reprodução da vida prosperar, os seres humanos não entenderão que, ao explorar e destruir a Natureza estão explorando e destruindo a si mesmos.

É possível também inferir que a contradição entre seres humanos e Natureza se origine/origina na/a contradição existente no trabalho alienado realizado pelos seres humanos. Isto posto, de fato, o lazer alienado será consequência de trabalho alienado.

Todavia, em nenhum momento os montanhistas entrevistados apontam algum tipo de relação de sobrepujança, dominação ou hierarquia sobre o meio ambiente em que praticam o montanhismo. Ao mesmo tempo em que, em alguns, momentos essa prática de aventura na Natureza serve para a manutenção de valores da sociedade do capital, em outros momentos, promove a liberdade e a sensibilidade do ser humano.

Foi possível perceber, por este estudo, que o montanhismo promove um afastamento do ceticismo e individualismo que permeiam o cotidiano urbano, pois a maneira como esse contato entre ser humano, matas e trilhas fechadas, cansaço, aventura, acontece, exige relações humanas mais diretas e intensas. Esta prática, portanto, pode mediar um reencontro do ser humano com a aquilo que o torna humano, ainda que inserido neste modelo de sociedade.

Este texto, resultado de um estudo – portanto, "Trabalho", buscou refletir sobre a necessidade de transformação radical do modo de produção capitalista. Fizemos isto

olhando para uma prática corporal específica, mas entendendo que, mesmo não generalizáveis, as observações aqui indicadas são um 'espelho' das estruturas e relações mais amplas.

Esperamos assim, ter contribuído com aqueles que buscam compreender a maneira como os seres humanos vêm relacionando-se com a Natureza, tanto por meio das práticas de lazer em geral, como pela dimensão do mundo trabalho e da transformação da natureza para manutenção da vida.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho.** São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. (Org.). **A dialética do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** 6. ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

_____. **Adeus ao trabalho ?** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: edições 70, 1977.

BETIOLLO, G. M. Contribuições do Montanhismo para a Educação Ambiental. In: CONGRESSO GOIANO DE CIENCIAS DO ESPORTE, 4, Goiânia. **Anais...** O papel do CBCE em Goiás e a produção do conhecimento em Educação Física e Esportes, 2004.

BRUHNS, H. T. **No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções.** Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003. p. 29-52.

COGGIOLA, O. **Crise ecológica, biotecnologia e imperialismo.** 2005. Disponível em: http://www.insrolux.org/index.php?option=com_content&task=view&id=180&temid=34. Acesso em: 28 maio 2007.

CLUBE PARANAENSE DE MONTANHISMO. **Apostila de iniciação ao montanhismo.** Curitiba, 1999.

INÁCIO, H. L. D.; MARINHO, A. Educação física e meio ambiente, um percurso por vias instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas. v.28, n. 3, p. 55-70, maio 2007a.

INÁCIO, H. L. D. **O ecoturismo como vetor de desenvolvimento territorial sustentável**: um estudo de caso no Alto Vale do Itajaí. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007b.

_____.; et al. Bastidores das práticas de aventura na natureza. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I.R. (Org.). **Práticas corporais**: experiências em Educação Física para outra formação humana. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005, v. 3, p. 69-87.

_____. **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**. Dissertação (Mestrado). Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997a.

GOLDBLATT, D. **Teoria social e ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. p.17-84.

HANNIGAN, J. A. **Sociologia ambiental**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

LEFF, H. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEFF, E. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: FURB, 2000. Coleção Sociedade e Ambiente n. 5.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

MASCARENHAS, F. Tempo de Trabalho e Tempo Livre: algumas reflexões a partir do marxismo contemporâneo. In: **Licere**, Belo Horizonte. v.3, n.1. 2000. p.72-82.

MARCASSA, L. MASCARENHAS, F. Lazer. In: GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P.E. (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 255-259.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. 6. ed. Rio: Zahar Editores, 1982.

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. 23. ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006a.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2006b.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de: Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

PADILHA, V. **Tempo livre e racionalidade econômica**: um par perfeito. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas. 1995.

SACHS, I. Em busca de novas estratégias de desenvolvimento. In **Estudos Avançados**, v.9, n. 25, 1995, p. 2963.

VIEIRA, P. H. F. WEBER, J. Introdução geral: sociedades, natureza e desenvolvimento viável. In: VIEIRA, P. H. F. WEBER, J. (Org.) **Gestão de recursos naturais renováveis e desenvolvimento**. Novos desafios para e pesquisa ambiental. São Paulo: Cortez, 1997. p.1749.

Endereço dos Autores:

Camila Santos de Armas
Rua João Maria Leandro, nº 112, bairro Uberaba,
CEP: 81.560-300 – Curitiba - PR
Endereço Eletrônico: camila.arms@hotmail.com

Humberto Luís de Deus Inácio
Faculdade de Educação Física da UFG.
Campus Samambaia, Caixa Postal 131
CEP: 74001-970 – Goiânia – GO
Endereço Eletrônico: betoinacio@gmail.com